



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**REPENSANDO A BIBLIOTECA
UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA:
como prosseguir - notas para um projeto de
pesquisa**

Nice Figueiredo

Ensaio APB, n. 50

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**REPENSANDO A BIBLIOTECA
UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA:
como prosseguir - notas para um projeto de
pesquisa**

Nice Figueiredo

Ensaio APB, n. 50

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

REPENSANDO A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA:
como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa

Nice Figueiredo

Ensaio APB, n. 50

São Paulo
Janeiro
1998

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994. (Ensaio APB, 1)
- MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
- TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
- MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
- OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
- BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
- DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
- FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994. (Ensaio APB, 8)
- LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994. (Ensaio APB, 9)
- SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994. (Ensaio APB, 10)
- TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994. (Ensaio APB, 11)
- RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994. (Ensaio APB, 12)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 13)
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 14)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 1995. (Ensaio APB, 15)
- VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 1995. (Ensaio APB, 16)
- CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ipirorã - PR. Abr. 1995. (Ensaio APB, 17)
- LIMÁ, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 1995. (Ensaio APB, 18)
- MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 1995. (Ensaio APB, 19)
- CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 1995. (Ensaio APB, 20)
- FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 1995. (Ensaio APB, 21)
- FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 1995. (Ensaio APB, 22)
- SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 1995. (Ensaio APB, 23)
- SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 1995. (Ensaio APB, 24)
- VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 1995. (Ensaio APB, 25)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 1996. (Ensaio APB, 26)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 1996. (Ensaio APB, 27)
- SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 1996. (Ensaio APB, 28)
- MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 1996. (Ensaio APB, 29)
- BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 1996. (Ensaio APB, 30)
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 1996. (Ensaio APB, 31)
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 1996. (Ensaio APB, 32)
- MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 1996. (Ensaio APB, 33)
- MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 1996. (Ensaio APB, 34)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 1996. (Ensaio APB, 35)
- FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 1996. (Ensaio APB, 36)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 1996. (Ensaio APB, 37)
- SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 1997. (Ensaio APB, 38)
- LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 1997. (Ensaio APB, 39)
- SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 1997. (Ensaio APB, 40)
- SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 1997. (Ensaio APB, 41)
- FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 1997. (Ensaio APB, 42)
- BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 1997. (Ensaio APB, 43)
- LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 1997. (Ensaio APB, 44)
- TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 1997. (Ensaio APB, 45)
- MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 1997. (Ensaio APB, 46)
- RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 1997. (Ensaio APB, 47)
- TOMAEL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 1997. (Ensaio APB, 48)
- FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 1997. (Ensaio APB, 49)
- FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 1998. (Ensaio APB, 50)

REPENSANDO A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa¹

Nice Figueiredo ()

É notório que toda instituição deve ser “sacudida” de tempos em tempos, para que haja oportunidade de ser superada a inércia inerente às organizações. No que diz respeito às bibliotecas universitárias brasileiras, o impacto motivacional ocorreu há precisamente dez anos, com a implantação do PNB (Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias). Este programa teve um caráter ativo de aproximadamente cinco anos e mobilizou as bibliotecas universitárias, através de uma liderança efetiva, levando-as a se avaliarem, a começarem a aprender a trabalhar em conjunto e a agir de maneira menos individualista.

Várias atividades ou projetos então estabelecidos ou apoiados pelo Programa foram aparentemente desativados, como a Central de Duplicatas de Periódicos e o Centro Referencial de Software. Outros continuam, como o BIBLIODATA e o COMUT, hoje com acesso on-line, além do Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos, já em formato CD-ROM e em fase de estudos para aperfeiçoamento.

Alguns pontos se destacam quando se examina os relatórios sobre o programa do PNB:

- 1 - Ressente-se da falta de um diagnóstico inicial da situação das bibliotecas, principalmente, por ausência de dados nas próprias bibliotecas.
- 2 - Não foi dada atenção à prestação de serviços visto que as ações iniciais das bibliotecas tiveram que ser voltadas às questões de pessoal, acervo e tratamento da informação (Exceção feita ao COMUT).
- 3 - Houve conscientização da necessidade de realizar trabalhos cooperativos entre as bibliotecas, maneira visualizada para atingir com sucesso as metas do Programa.

No momento atual, as bibliotecas universitárias sofrem enorme impacto causado pelo profundo corte de verbas, além da queda de prestígio, enfraquecimento e falta de

¹ Aprovado pelo CNPq em Julho/97

* Pesquisadora titular do CNPq/IBICT/Departamento de Ensino e Pesquisa. Leciona nos cursos de Mestrado e Doutorado em Ciências da Informação, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. PhD pela Florida State University.

motivação de seus funcionários como reflexo da situação conjuntural do país. Todavia, estas bibliotecas precisam procurar manter um nível aceitável de serviços a fim de corresponder à expectativa acadêmica com relação ao que deve ser o desempenho ideal da biblioteca universitária.

Os orçamentos das bibliotecas parecem ser suficientes apenas para uma manutenção básica, determinando, por conseguinte, um nível inferior de atuação. Assim, as bibliotecas têm que contar com o seu próprio esforço para sobreviver e tornar produtivo os poucos recursos que conseguem obter. Portanto, é preciso sintonizar a atuação das bibliotecas, conduzindo-as a atividades orientadas pela relação custo-benefício.

Sem dúvida, nos últimos 5-10 anos houve uma melhoria nas aplicações de técnicas de gerência nas bibliotecas, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido para que se aprenda a melhor elaborar e utilizar orçamentos. Apesar de ainda não saberem avaliar o impacto de seus serviços, pelo menos as bibliotecas parecem já saber definir e quantificar seus *input* e *output*. Estão mais conscientes sobre o que devem proporcionar aos seus usuários e de como podem ajudar as bibliotecas a alcançar força política dentro da universidade.

Mas, há que fortalecer ainda mais o uso dos conceitos de gerência e de prestação de serviços, enfatizar o papel que cabe às bibliotecas universitárias, administrando serviços de maneira eficiente e eficaz. Primeiro o gerente tem que ter um claro entendimento da biblioteca e da sua instituição maior, a universidade. Para isso, deve pensar em termos de mercado e de usuários, isto é, elaborar estudos de uso e de usuários, conhecer necessidades e demandas de informação de sua clientela. Além disso, deve saber justificar suas aquisições em termos de custo-eficiência e, seus serviços, em termos de demandas comprovadas.

Os usuários de bibliotecas universitárias têm que ser mais e mais envolvidos no apoio às decisões da gerência, participando de comissões e de grupos de trabalho.

A biblioteca tem que reforçar sua imagem perante os usuários, que são a mola mestra da política universitária, firmando o conceito de biblioteca como pólo transmissor de informações, muito mais do que como lugar de guarda de documentos.

As bibliotecas contemporâneas estão em fase de transição, visto a existência de novas tecnologias que substituem o material impresso. Mas, a biblioteca precisa estudar seu potencial, tomar conhecimento do capital e do custo necessário para realizar busca eletrônica de informação. A idéia não é simplesmente imitar, automatizar por automatizar e para ter prestígio. Há muito a fazer manualmente quando não se pode ou não se justifica automatizar.

O PAP, um dos projetos do PNBU, foi uma forma de constituir uma rede de aquisição cooperativa e planificada de periódicos. Sua execução foi uma demonstração inequívoca de que as bibliotecas podem e devem trabalhar em regime cooperativo. Dentro de um quadro econômico e tecnológico de há dez anos, a experiência foi exitosa, os resultados satisfatórios e foi criado um modelo cooperativo que funciona.

Contudo, assinatura de periódicos não é uma ação que leve em conta o custo-benefício da transmissão da informação. Já está comprovado que a maioria dos artigos é apenas “folheada” e poucos são inteiramente lidos. Assim, como uma medida econômica, pode se manter em algum lugar a versão eletrônica e apenas acessar os artigos (downloading) a pedido dos leitores. Reforça-se a noção moderna de acesso à informação, que supera a idéia de posse do documento. Há estudos que mostram que é menos dispendioso acessar um artigo desejado do que manter a assinatura do periódico integral.

O número de assinaturas pode ser reduzido aos títulos de maior demanda em cada biblioteca. O que implica em diminuição de custos de aquisição e inclusive de gastos de manutenção de estantes e fichários, de encadernações etc. Esta política de aquisição planificada de periódicos pode ser altamente benéfica, particularmente na área de ciências onde os preços de assinaturas sobem rapidamente e onde já existe um bom controle bibliográfico e intenso uso de periódicos.

Os livros são o único “laboratório” que o humanista possui. Assim, na área de humanidades é fundamental uma estratégia diferente por ser diferente a necessidade. O que implica no imperativo de equilibrar o orçamento de aquisição para contemplar a compra de livros nas áreas onde o livro for primordial. Neste caso, não mais se deve pensar em fazer uso do empréstimo entre bibliotecas, mas sim de um compartilhamento de recursos efetivamente planejado e programado. Para isto, cada biblioteca deve conhecer em detalhes a coleção de todas as outras bibliotecas que atuam na parceria para poder elaborar cada política de seleção de forma racional.

Para operacionalizar esta proposta, conta-se com a metodologia de CONSPECTUS, desenvolvida pela Association of Research Libraries - ARG - nos Estados Unidos, e implementada há décadas, inclusive na Europa, no Canadá, na Austrália etc. Esta metodologia descreve em formato padrão os pontos fortes e os pontos fracos da coleção e a política de aquisição das bibliotecas. Isto é feito, basicamente, subdividindo-se a classificação da biblioteca em subgrupos mínimos, onde podem ser acrescentados modificadores de níveis, idiomas etc.

Logicamente, a decisão sobre a aquisição de itens específicos, tem que ser feita através de acesso aos catálogos das outras bibliotecas e dos arquivos de aquisições em andamento. Pode ser estabelecido um tipo de consórcio entre as bibliotecas, cada uma atuando de forma independente, mas com pleno conhecimento do que as outras possuem.

Também tem que haver um contato direto, entre as bibliotecas, através de redes de comunicação, para se saber se o item está disponível no momento em que é desejado.

A metodologia CONSPECTUS pode ser uma ação eficaz para atender à demanda de monografias da área de humanidades, enquanto a área de ciências, com alta demanda de periódicos deve passar a ser atendida pelo *downloading* já mencionado. Estas devem ser ações que podem aumentar a integração entre as bibliotecas universitárias, interligando as instituições, agilizando o atendimento aos usuários, aproveitando a evolução das tecnologias e otimizando a relação custo/benefício das atividades destas bibliotecas.

Na verdade, para diminuir as diferenças Norte/Nordeste/Sul/Sudeste e para que haja um maior equilíbrio e um padrão de qualidade das bibliotecas universitárias brasileiras é imprescindível incrementar a maior interação possível entre elas. Do ponto de vista econômico, efeitos multiplicadores também podem propiciar maiores recursos para as bibliotecas.

Com relação ao PAP, desativado em 1995, era preciso dar um novo sentido a esse projeto, bem como reativar a Central de Duplicatas. A CAPES, tendo assumido o financiamento da aquisição de periódicos pelas bibliotecas universitárias, e criado um serviço de obtenção de duplicatas disponíveis, via INTERNET deu, sem dúvida, um passo gigantesco para o aperfeiçoamento dessa atividades.

Como um outro avanço no compartilhamento efetivo de recursos se pode criar um depósito cooperativo e dinâmico para guardar não só as duplicatas, mas todo o material de baixo uso e assim aliviar a pressão no espaço disponível dos edifícios das bibliotecas. À medida que estudos de uso mostrem a obsolescência de títulos de livros e de partes de coleções de periódicos eles devem ser removidos para o Depósito Cooperativo, que deve ser mantido organizado e dinâmico. Somente as coleções com potencial previsto de uso e com uso comprovado devem permanecer nas bibliotecas.

Materiais não convencionais, materiais de alto nível e de baixo uso, teses nacionais e estrangeiras etc. também podem ser armazenadas no Depósito Central, como já é feito há décadas no primeiro mundo.

Além da economia de espaço, evitando a construção de adendos ou de novos edifícios, pode ocorrer também a economia inerente ao compartilhamento de recursos e ao aperfeiçoamento das bibliotecas universitárias do país, elevando-as ao nível das dos países mais avançados.

A idéia de “acesso x posse” fortalece esta metodologia e enseja a oportunidade de trabalho cooperativo. É necessário prosseguir com ações nesse sentido e repensar o como continuar, independente de um programa nacional, para que cada biblioteca abra seus

próprios caminhos. Mesmo as bibliotecas menos estruturadas devem fazer uso de metodologias já testadas, sempre planejando e se auto-avaliando continuamente.

Considera-se que **planejamento, avaliação e parcerias** são essenciais para o progresso das bibliotecas universitárias brasileiras.

Em relação às tecnologias, a perspectiva é de que nos próximos anos a maioria das bibliotecas universitárias já devem estar com seus sistemas, ou parte deles, automatizados. Presentemente se supõe que até 50 % destas bibliotecas estejam com automação nos setores de periódicos, para aquisição e controle. Poucas têm circulação automatizada, como é o caso da UNICAMP.

Várias universidades nacionais já possuem sistemas ou redes institucionais, como é o caso de UFRGS, UFSC, UFMG, UFC E UFPb. Em São Paulo já existe a integração das universidades paulistas - USP/UNESP/UNICAMP - que possuem catálogo coletivo, em CD-ROM, para livros/teses/periódicos. A UNESP possui controle automatizado de avaliação quantitativa do uso de periódicos. Na Faculdade de Saúde Pública da USP há controle automatizado da aquisição de livros, e a UFES tem automatizada a aquisição, integrando as rotinas com interface amigável.

A aplicação do CD-ROM tem se expandido nesta década de 90, entre as bibliotecas universitárias, e estão sendo oferecidos por este meio, serviços como: pesquisa bibliográfica e buscas retrospectivas, acesso a bases nacionais, estrangeiras e a documentos do exterior, COMUT e empréstimos, treinamento de usuários e DSI. Esta aplicação minimiza problemas de aquisição de documentos no exterior, mas, no todo, é uma mídia considerada como não explorada ainda em toda a sua potencialidade pelas bibliotecas. Na USP, a implantação do sistema Dedalus propicia aos usuários expansão e facilitação no uso de produtos e serviços disponíveis e melhora a qualidade do acesso, pela análise dos dados de uso da coleção; está implantando também o sistema ALEPH. Já parece existir um consenso nacional, por parte dos bibliotecários, quanto ao novo paradigma de "acesso x posse" da informação.

A área de saúde já se encontra totalmente automatizada, inclusive com DSI feito pela BIREME e pelas Faculdades de Odontologia e Saúde Públicas da USP e a UFRJ.

Mas, na realidade, sente-se que os progressos nas bibliotecas universitárias não são suficientemente visíveis para os usuários, já que os sistemas automatizados, na maioria das vezes, apenas trouxeram maior facilidade/soluções para o controle de operações internas das bibliotecas. E isto não ocorre apenas nas bibliotecas universitárias; outras bibliotecas também priorizaram suas operações internas, quando da informatização. Percebe-se a necessidade de uma mudança de paradigma, do tratamento do acervo, para maior atenção ao usuário.

Como modelo a ser seguido e/ou analisado é importante conhecer o caminho trilhado pelas bibliotecas que atingiram um maior nível de organização, particularmente no que diz respeito às questões de automação e de atendimento/treinamento de usuários. O compartilhamento de experiências pode ser um recurso para as bibliotecas universitárias, que pretendem desenvolver atividades e serviços automatizados, para aprender com quem já fez.

Existem padrões e normas para gerenciar as atividades de coleta de dados, planejamento e avaliação em bibliotecas universitárias, que se constituem em instrumental básico para o compartilhamento de recursos, de sistemas e de redes de informação. Era um instrumental ainda inexistente quando da implantação do SNBU.²

Como em outras ações aqui propostas, o compartilhamento de experiências pode trazer benefícios econômicos. As bibliotecas, em vias de automação, podem tomar conhecimento das implicações da transição, podendo abreviar etapas e se posicionar de forma mais correta e adequada para evitar erros técnicos e desperdícios financeiros.

Paralelamente, estas ações de caráter técnico podem alterar, aperfeiçoar e atualizar os conhecimentos dos bibliotecários envolvidos e, o que é mais importante, formar novas lideranças bibliotecárias.

Portanto, um passo preliminar, ou a primeira etapa para se obter dados para se poder repensar as bibliotecas universitárias brasileiras, é a realização de um diagnóstico - **que faltou ou não foi feito para basear o PNBU**, com o fim de promover o desenvolvimento programado destas bibliotecas. Através da aplicação de questionários para coletar dados sobre nível de automação e serviços prestados, procurando detectar a relação do nível de informatização com a prestação de serviços com suporte da automatização, pode-se chegar a este mapeamento.

Ao identificar as bibliotecas com perfil mais avançado se deve procurar levantar o caminho percorrido por elas para atingir este estágio de desenvolvimento e registrar os sucessos para subsidiar a 2ª etapa do projeto. Também devem ser ouvidos os docentes e discentes usuários destas bibliotecas para detectar o impacto da informatização no seu dia-a-dia como cliente do sistema. Assim, após identificar as bibliotecas que já usam automação, enviar questionário padrão para ser aplicado aos usuários a fim de avaliar o

² CARVALHO, M. C. R. de. *Estatísticas e padrões para o planejamento e a avaliação de bibliotecas universitárias*. Brasília: 1995.

FERREIRA, G. I. S., OLIVEIRA, Z. P. de. *Informação para administração de bibliotecas*. Brasília: ABDF, 1989.

MACIEL, A.C. *Instrumentos para gerenciamento de bibliotecas*. Niterói: EDUFF, 1995.

impacto da automação e benefícios percebidos/recebidos do sistema, sob o ponto de vista do usuário.

A seguir, deve-se coletar informações junto aos gerentes das bibliotecas universitárias para traçar planos de ação que propiciem melhoria na situação existente. Para isto se elabora um roteiro para entrevistar a chefia das bibliotecas já automatizadas e detectar: quais seus planos para ampliar estes serviços a curto e médio prazo; qual a visão e predisposição para aceitar uma política de compartilhamento de recursos em rede (considerando-se que a primeira grande barreira é psicológica) opiniões e sugestões quanto às idéias propostas neste projeto; sucessos e possíveis recomendações às bibliotecas em vias de automação. Os dados coletados podem orientar a elaboração de manuais de serviço contendo metodologias, técnicas, padrões, etc. As entrevistas também podem identificar barreiras no fluxo da comunicação entre os sistemas já instalados para determinar modelos através de elementos predominantes na implantação.

Por outro lado, se deve levantar junto aos editores nacionais e junto ao Comitê Gestor da Internet quais os possíveis novos avanços da comunicação científica no país, bem como as perspectivas para as telecomunicações a curto, médio e longo prazo. Levantamento este, feito através de questionários e entrevistas a editores nacionais, inclusive a editoras universitárias, para apreender a visão/planejamento a curto e médio prazo com relação às publicações eletrônicas nas áreas de ciências e de humanidades. Detectar situação atual e tendências da publicação de periódicos e livros científicos, multimídia etc.

Outro levantamento de dados para, através de entrevistas a membros do Comitê Gestor da Internet, captar a visão/planejamento a curto e médio prazo para a área de telecomunicações no país. Verificar a possibilidade de adoção de novas tecnologias como o Digital Video Disk (DVD) que ameaça tornar obsoleto o CD-ROM.

Após traçar um quadro diagnóstico bem completo se pode passar à 2ª etapa do projeto para, com "workshops" programados, estabelecer o compartilhamento de recursos e das experiências das bibliotecas, bem como das possibilidades antevistas no decorrer da 1ª etapa.

Esta programação de "workshops" nas bibliotecas melhor estruturadas, é para transmissão de experiências e treinamento de pessoal das bibliotecas em vias de automação. De posse dos diagnósticos realizados, nesta 2ª etapa da pesquisa se parte para o compartilhamento de experiências apoiado nas possibilidades de aplicação das tecnologias nas bibliotecas universitárias em um futuro próximo. "Workshops" estes conduzidos pelas bibliotecárias da instituição que sediar o evento e com a supervisão de um especialista na área de automação, com demonstrações práticas e preparação de manuais técnicos. Assim, estes workshops, ao mesmo tempo em que ensinam a formação

de novas lideranças, facilitam a interação entre pares, entre bibliotecas de regiões diversas do país.

Para concluir, o projeto deve programar Reuniões de Grupos de Trabalho - GT -, com a participação de pessoal das bibliotecas mais avançadas e gerentes de bibliotecas selecionadas, para elaborar um documento de diretrizes para o aperfeiçoamento das bibliotecas universitárias brasileiras. Este documento deve nortear ações programadas com vistas ao compartilhamento de recursos e de experiências, para otimização da atuação destas bibliotecas. Este documento deve ser apresentado às autoridades competentes em ocasião a ser determinada pelo GT, pela Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias - CBBU, da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB.

Resultados esperados do projeto:

Um retrato da situação das bibliotecas universitárias brasileiras com ênfase em prestação de serviços e automação.

Treinamento do pessoal das bibliotecas em vias de automação e formação de treinadores entre o pessoal das bibliotecas já automatizadas.

Documento com diretrizes para bibliotecas universitárias desenvolverem ações de compartilhamento de recursos e trabalhos cooperativos em rede.

Manuais contendo metodologias, técnicas, padrões, instruções e recomendações para direcionamento de bibliotecas universitárias em processo de automação.

Prognóstico sobre o impacto nas bibliotecas universitárias, a curto e médio prazos, das tecnologias de telecomunicações e das publicações/comunicação científica.

BIBLIOGRAFIA

- Anais do SNBU, anos 1985, 87, 89, 91, 94, 96, estes dois últimos principalmente para o estado da arte e diretrizes para prosseguir o PNBU.
- BALDUINO, P. *Prática de compartilhamento de recursos informacionais nas redes e sistemas de informações em instituições do Poder Público Brasileiro*. Brasília, 1988. Dissertação.
- CHASTINET, Y. A criação do Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias: 1986-89, 1990.
- GWINN, N. E., MOSHER, P. H. Constructing collection development: the RLG Conspectus. *College & Research Libraries*. v.44, n.2, p.128-140, 1983.
- MACKENZIE, G. Academic libraries in contraction: facts, theories, fancies. *ASLIB Proceedings*. v.38, n.9, p. 317-325, Sept. 1986.
- ROBERTS, N. New model libraries: a question of philosophy? a review article. *Journal of Librarianship and Information Science*, v.24, n.3, p.169-173, Sept. 1992.
- SOHN, J. Cooperative collection development; a brief overview. *Collection Management*. v.8, n.2, p.1-9, 1986.
- WEBB, T. D. The frozen library: a model for the twenty first century library. *The Electronic Library*, v.13, n.1, p.21-26, Feb. 1995.